

MÉSZÁROS E A PROBLEMÁTICA DO DESEMPREGO CRÔNICO

Edlene Pimentel¹

RESUMO

Este texto trata dos aspectos mais essenciais da problemática do desemprego crônico, a partir da crise estrutural do capital em seu processo de produção, de expansão e acumulação capitalista fundamentada nas formulações de István Mészáros. Realça, ainda, alguns aspectos dessa contradição insolúvel, que se apresenta como sendo uma das formas de expressão dos limites absolutos do capital na atualidade.

Palavras-chave: Crise Estrutural, Limites Absolutos, Acumulação Capitalista e Desemprego Crônico

MÉSZÁROS AND THE PROBLEM OF CHRONIC UNEMPLOYMENT

ABSTRACT

This text deals with the most essential aspects of the problematical fight of the chronic unemployment comes from the structural crisis of capital in its process of production, expansion and capitalist accumulation based on the formulation of István Mészáros. It still highlights some aspects of this insoluble contradiction that presents as one of the ways of expression of the absolute limits of capital at present time.

Key words: Structural Crisis, Absolute Limits, Capitalist Accumulation, Chronic Unemployment.

¹ Docente Voluntária do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS) da Faculdade de Serviço Social (FSSO), da Universidade Federal de Alagoas. Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Pós Doutora na Universidade de Buenos Aires (UBA), Argentina. Líder do Grupo de Pesquisa Sobre Reprodução Social (GPSRS).

INTRODUÇÃO

O filósofo húngaro István Mészáros, um dos mais importantes colaboradores de Lukács, traz em sua obra *Para Além do Capital* (2002) uma reflexão crítica sobre o capital dos dias de hoje, tomando como base as formulações teóricas de Marx contidas nas obras *O capital* e nos *Grundrisse*. Em sua obra, Mészáros defende a tese da incontrollabilidade do sistema sociometabólico do capital o qual apresenta um caráter destrutivo próprio de sua natureza. Nesse sentido, busca compreender os nexos causais que tecem a malha da sociabilidade contemporânea, sua lógica interna alicerçada no poderoso sistema sociometabólico do capital constituído por três dimensões inseparáveis: capital, trabalho e Estado. Mészáros (2002, p. 600) postula que, dada a impossibilidade de separar essas três dimensões do sistema do capital, que são materialmente constituídas e intimamente interligadas entre si, torna-se, portanto, impossível “emancipar o trabalho sem simultaneamente superar o capital e o Estado”. O sistema sociometabólico do capital resulta de um processo histórico que através da divisão social do trabalho realiza a subsunção real do trabalho ao capital.

Como consequência desse modo de ser do sistema do capital, emerge na realidade dos nossos dias a problemática do desemprego em massa que é considerada por Mészáros (2002, p. 225) como a mais grave das doenças sociais que “até na parte mais privilegiada do sistema do capital assumiu proporções crônicas, sem que a tendência a piorar tenha algum fim à vista”. No seu modo de ver, o desemprego crônico está diretamente relacionado ao fenômeno da fome e à ausência de postos de trabalho. Ele é motivo de preocupação para a sociedade em geral, quando se verifica na atualidade um aumento progressivo das taxas de desemprego em massa no mundo contemporâneo, com tendência a se agravar cada vez mais, sem que haja nenhuma solução à vista.

Convém salientar que Mészáros (2002, p. 332) também apreende que o fenômeno do desemprego, que emergiu há muito tempo, tem se agravado em face de “uma crise estrutural potencialmente devastadora” – daí resulta o nosso empenho em deixar claro nos limites deste artigo, como Mészáros em sua obra *Para*

Além do Capital concebe e analisa o desemprego crônico, a causalidade desse processo. Nesse sentido, procuramos delimitar suas principais características, apontando as contradições existentes na sociedade capitalista articuladas a um contexto de crise na qual vivemos nos dias atuais.

Na percepção de Mészáros (2002, p. 798), “a crise estrutural² reside e emana das três dimensões internas fundamentais do capital: “produção, consumo e circulação/distribuição/realização”. Tais dimensões “tendem a se fortalecer e a se ampliar por algum tempo, provendo também a motivação interna necessária para a sua reprodução dinâmica recíproca em escala cada vez mais ampliada”. No mundo do capital, as expressões de uma crise estrutural podem ser reconhecidas tanto em suas dimensões internas como nas instituições políticas. Este pensador afirma que (2002, p. 797) essa crise estrutural do capital “afeta a *totalidade* de um complexo social em todas as relações com suas partes constituintes ou subcomplexos, como também a outros complexos aos quais é articulada”. Além do mais, é por essa razão que (2002, p. 800) “uma crise estrutural põe em questão a própria existência do complexo global envolvido, postulando sua transcendência e sua substituição por algum complexo alternativo”. Na verdade, “a crise estrutural do capital se revela como uma verdadeira *crise de dominação* em geral”. Podemos constatar esse tipo absurdo de dominação através do espectro de destruição com que a referida crise vem afetando, de uma forma geral, o conjunto das relações humanas nos dias de hoje.

Nas palavras de Mészáros (2002, p. 801), esse sistema de dominação está em crise porque sua *raison d'être*³ e sua justificação históricas desapareceram e já não podem ser mais reinventadas por maior que seja a manipulação ou a pura repressão”. Dessa maneira, “ao manter milhões de excluídos e famintos, quando os trilhões desperdiçados poderiam alimentá-los mais de *cinquenta* vezes, põe em

² Além de István Mészáros, alguns teóricos também têm se debruçado sobre a temática da “Crise do Capital”, a exemplo de CHESNAIS, François. *A Mundialização do Capital*. Trad. Silvana Finzi Foá. São Paulo, Xamã, 1996, e MANDEL, Ernest. *A Crise do Capital: os fatos e a sua interpretação marxista*. Trad. Juarez Guimarães e João Machado Borges. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990, entre outros.

³ Segundo Mészáros (2002, p. 99), a *raison d'être* (razão de ser) do capital é “a extração máxima de trabalho excedente dos produtores de qualquer forma compatível com seus limites estruturais”, já que seria impossível cumprir plenamente suas funções sociometabólicas de uma outra maneira.

perspectiva o absurdo desse sistema de dominação”. O mesmo acontece em outros âmbitos da esfera humana, nos quais reinam os conflitos de gerações, a negação de oportunidade de trabalho para milhões de homens, a pressão da “aposentadoria precoce” para outros, a destruição da família, a exploração da mão-de-obra feminina, o desemprego crônico, enfim, a exacerbação da desigualdade e conseqüentemente um processo de desumanização e pauperização cada vez mais crescentes das massas populacionais.

No entanto, para que o capital possa alcançar seus objetivos, quais sejam, acumular e expandir-se cada vez mais (*idem*, p. 185), esse sistema “deve afirmar seu domínio absoluto sobre todos os seres, mesmo na forma mais desumana, quando estes deixam de se adaptar a seus interesses e a seu impulso para a acumulação”. Assim, com as transformações ocorridas no decorrer do século passado, observa-se que o capital alastrou-se e dominou todos os cantos da Terra, penetrando também nos países subdesenvolvidos, agravando cada vez mais seus problemas. Porém, apesar da riqueza material gerada pelo processo, esse sistema foi incapaz de solucionar os problemas que os indivíduos têm de enfrentar no cotidiano de suas vidas, conforme as promessas revolucionárias da burguesia capitalista. Nesse sentido, homens e mulheres se defrontam com as conseqüências desumanizadoras do capital, advindas das suas próprias contradições, e com a crise progressiva desse sistema de dominação.

Dadas essas condições, nos dias atuais, a problemática do desemprego alcança uma significação decisiva no conjunto das relações sociais. Segundo Mészáros (2002, p. 224), o fenômeno agravante do desemprego crônico, presente na sociedade atual, traz à tona [...] “as contradições e os antagonismos do sistema global do capital na forma potencialmente mais explosiva”. Por se apresentar dessa forma, todas as medidas criadas até agora na tentativa de tratar esse profundo defeito estrutural só tendem a agravar a situação.

DESEMPREGO CRÔNICO: uma das formas de expressão dos limites absolutos do capital

A problemática do desemprego crônico é considerada por Mészáros (2002) como um dos componentes dos limites absolutos do capital⁴ que se afirma na forma de uma contradição insolúvel. Vem, de uma maneira geral, preocupando a sociedade atual desde as sete últimas décadas do século XX. Essa preocupação se acentua à medida que, com a tendência ao aumento do desemprego no mundo, até agora todas as tentativas feitas no sentido de resolver as contradições que a criaram não alcançaram o êxito esperado.

O desemprego crônico na visão do autor (2002, p. 318) está intimamente relacionado à explosão populacional e ao fenômeno da escassez, “socialmente criada” e “imposta” à sociedade capitalista na qual vivemos. Isso significa que “Qualquer alternativa metabólica viável à ordem estabelecida exige a harmonização das necessidades humanas com recursos materiais e humanos conscientemente geridos”. Portanto, para Mészáros (2002, p. 318), a viabilidade dessa alternativa requer a “adoção de medidas adequadas também no plano do crescimento da população, possibilitadas por transformações radicais da estrutura geral e das microestruturas da reprodução sociometabólica”.

Tradicionalmente, imaginava-se que o “excesso de população” ou a “população redundante” contida nos livros que alertavam sobre os perigos da “explosão populacional” referia-se simplesmente à existência de “gente demais” em relação aos meios de subsistência, absolutamente necessários em termos de alimentos. Conforme a análise de Mészáros, (2002, p. 321), “a realidade claramente identificável dos nossos dias se mostrou radicalmente diferente” porque,

Primeiro, ela não se caracterizou pela incapacidade da sociedade de oferecer a quantidade necessária de produtos agrícolas para alimentar a população, sob condições em que se desperdiçam grandes quantidades de alimentos – e seu desperdício é até denunciado em círculos capitalistas competidores – no interesse da maximização de lucros, por exemplo, no quadro da “política agrícola comum” européia. E, segundo, “explosão da população” não é uma categoria genérica de “gente demais”, mas é definida por determinações sociais muito precisas – e muito perigosas em suas implicações. Pois o que hoje se chama de

⁴ Para Mészáros, “a expressão ‘limites absolutos’ não implica algo absolutamente impossível de ser transcendido, como os apologistas da ‘ordem econômica ampliada’ dominante tentam nos fazer crer para nos submeter à máxima do ‘não há alternativa’. Esses limites são absolutos apenas para o sistema do capital, devido às determinações mais profundas de seu modo de controle sociometabólico” (*idem*, *ibidem*, p. 220).

“excesso de população” significa, cada vez mais, “trabalho supérfluo” (MÉSZÁROS, 2002, p. 321).

Além do mais (MÉSZÁROS, 2002, p. 321), “esse ‘excesso de população’ não pode ser simplesmente deduzido de um número total abstrato, como faziam os tradicionais contos de fadas sobre o crescimento da população e de seu controle malthusiano ou neomalthusiano”. O “excesso” ou “população redundante” existente na atualidade se refere ao “‘excesso em relação às necessidades’, num sentido muito limitado”. Entretanto, o impacto desse processo contraditório vem incidindo nas grandes massas de pessoas – atingindo quase todos os campos de atividade – “que continuam a ser impiedosamente expulsas do processo de trabalho e consideradas ‘redundantes’ pelos imperativos da expansão lucrativa do capital” (*idem*, p. 321-2).

Com relação às consequências devastadoras decorrentes da tendência contraditória do capital em expulsar uma grande maioria do processo de trabalho também nos países de capitalismo avançado, não é para Mézáros (2002 Mézáros, (2002, p. 321) 322-3) um fenômeno recente. Ele já chamava atenção para esse problema há várias décadas, quando alertava sobre algumas características do desemprego, como, por exemplo, a de que: “O problema já não é apenas o sofrimento dos trabalhadores sem qualificação, mas também o de um grande número de *trabalhadores qualificados* que, junto com o exército de desempregados, disputam o número desesperadamente pequeno de empregos disponíveis”.

Acontece que a questão do desemprego crônico hoje é tão grave que até os defensores do sistema do capital começaram a admitir que o aumento da taxa de desemprego estava um pouco maior do que o que aparecia nos ‘pequenos bolsões’. Na verdade, eles tinham que admitir essa hipótese, porque necessitavam (*idem*, p. 323) “cortar o déficit financeiro do Estado, que havia sido enganosamente atribuído ao ‘excesso de auxílio desemprego’ e não à sua causa subjacente”. Mesmo assim, continuaram a postular que a nova fase do desenvolvimento industrial e da revolução tecnológica consertaria tudo no devido tempo, uma vez que as novas políticas da “direita radical” fossem “implantadas” e que o “ambiente político”, assim

como o “clima econômico” favorecessem realmente a dinâmica expansão empresarial.

Outra característica do desemprego crônico apontada por Mészáros (2002, p. 323) é que esse fenômeno não atinge somente os jovens, mulheres e operários; mas toda a população, incluindo também as classes médias – de maneira que a frequência crescente dos conflitos não só aparece nas “regiões mais pobres do mundo, mas nas partes mais privilegiadas do ‘capitalismo avançado’”. O avanço irrefreável do desemprego (*idem*, p. 324), “com demissões generalizadas, instalou um profundo sentimento de insegurança na maioria dos empregados”, acrescido de um enorme temor do futuro próximo, pois passaram agora a viver sob a expectativa de “Quem é o próximo?”. Por outro lado, a ansiedade sentida por parte dos governantes também aumenta, já que o avanço do desemprego em massa criou um “espírito de insurreição”.

Para Mészáros (2002, p. 326), a situação é muito séria “porque a ‘explosão populacional’ representada pelos trabalhadores redundantes está criando problemas sociais e econômicos graves nos países capitalistas mais poderosos, como os Estados Unidos”, considerados pelos apologistas do capital como “o exemplo mais brilhante de solução de dificuldades”. A alternativa keynesiana do pleno emprego, prometida durante o período eleitoral para derrotar o fantasma do desemprego em massa nessas sociedades, não foi suficientemente eficaz, como bradavam os apologistas do capital.

A estratégia de oferecer “treinamento” aos trabalhadores trazia embutida a lógica perversa de que (Mészáros, 2002, p. 326) “você e eu aprendemos com o trabalho um do outro, e assim no ano que vem um de nós se vai”. Como consequência, a decisão de demitir o conjunto dos trabalhadores ficará sob a responsabilidade do sindicato; tal atitude tem como objetivo enfraquecer as entidades da classe trabalhadora. Desse modo, o capitalismo americano tornou-se incapaz de solucionar a tragédia do desemprego, pois 40% da população que se deslocou para lá na fase da acumulação do capital atualmente foi transformada em “trabalhadores supérfluos”. O problema se apresenta de uma tal maneira que, “*Hoje, no período da decadência do imperialismo capitalista, é como se o exército de*

trabalhadores de reserva fosse o mundo todo” (LYND *apud* MÉSZÁROS, 2002, p. 326). A situação, portanto, é bastante grave, pois, segundo Mészáros (2002, p. 225), “no capitalismo avançado da Europa Ocidental existem bem mais do que 20 milhões de desempregados” e nos outros “‘países de capitalismo avançado’ há pelo menos uns dezesseis milhões”.

Mészáros (2002, p. 336) assinala ainda que “o crescimento do desemprego na Europa Oriental, na antiga União Soviética e na China, é significativo e extremamente desconcertante para os apologistas do capital precisamente por isto”. O problema reside no fato de que “a adoção dos ideais da ‘prosperidade de mercado’ não trouxe para a população desses países a ‘nova prosperidade’ prometida”. De modo contrário (*idem*, p. 336), “ela os expôs aos perigos do capitalismo selvagem e do desemprego em massa, generalizando assim por todo o mundo a condição do desemprego crônico como a tendência mais explosiva do sistema do capital”.

Com relação ao Terceiro Mundo, Mészáros lembra-nos que a proposta de solução para o desemprego resultou em promessas dessa natureza. Prometeram-nos que

os empregos que desaparecessem na indústria seriam grandemente compensados pela “indústria de serviços” e pelo impacto econômico positivo de todo tipo de “empregos que adicionam valor” com que os países do Terceiro Mundo que recebessem nossas “indústrias com chaminés” – os felizes beneficiários da nossa transferência de tecnologia – não poderiam competir (MÉSZÁROS, 2002, p. 327).

O argumento utilizado para esse tipo de solução reside na máxima de que (*idem*, p. 327) “‘Você também precisa de um mercado de trabalho que funcione, que transfira os empregados das indústrias que se encolhem para as que se expandem’”. Assim, as soluções apresentadas para o problema do desemprego crônico têm sido as mais variadas possíveis; elas vão (*idem*, p. 328) “desde o compartilhamento do trabalho com salários reduzidos até a programas nebulosos e sem sentido de investimento em pequenas empresas e programas educacionais”. Até agora, essas alternativas não conseguiram fazer com que as pequenas empresas gerassem os milhões de empregos que estão sendo eliminados pelas transnacionais, e nem podem mais ter esperança de adquirir uma (*idem*, p. 328)

“correspondente base industrial em expansão dinâmica, e ainda mais sob as circunstâncias da ‘racionalização’ capitalista contracionista”. Então, para essa massa de trabalhadores significa dizer que “no ano que vem um de nós se vai” (*idem*, p. 328). Diante desses acontecimentos, sem encontrar uma saída econômica viável, o remédio para dar prosseguimento às disfunções ocasionadas pelo desemprego crônico nos países que vivem sob o domínio do capital, em conformidade aos parâmetros causais do sistema do capital é exercer uma maior disciplina e maior eficiência do trabalho que irão resultar na redução dos níveis salariais, na precarização da força de trabalho, inclusive nos países capitalistas avançados e no aumento generalizado do desemprego.

Por sua vez, a estratégia idealizada da globalização também tem agravado cada vez mais o problema do desemprego nos países “metropolitanos” ou “centrais”, “acelerando a mencionada tendência à uniformização do índice diferencial da exploração”. Nesse sentido, adverte Mészáros (2020):

Subjugar ou reprimir a força de trabalho – com a cooperação ativa de suas lideranças políticas e sindicais –, em nome da disciplina do trabalho, do aumento da produtividade, da eficiência do mercado e da competitividade internacional, não é uma solução realista, apesar das vantagens *parciais* que podem *temporariamente* disso derivar para uma outra sessão do capital competitivo (MÉSZÁROS, 2002, p. 225).

Na verdade, essas medidas autoritárias não conseguem combater (*idem*, p. 225) “a tendência à recessão global” e, provavelmente, uma depressão, pelo simples motivo de que é completamente impossível “espremer o ‘poder de compra crescente’ (necessário para uma ‘expansão saudável’) de salários que encolhem e do deteriorado padrão de vida da força de trabalho”. Assim, o fenômeno agravante do desemprego crônico, presente na sociedade atual, traz à tona (*idem*, p. 224), (...) “as contradições e os antagonismos do sistema global do capital na forma potencialmente mais explosiva”.

Convém observar que, ao longo dos séculos de desenvolvimento histórico, a ameaça do desemprego no modo de regulação da reprodução sociometabólica era apenas latente. Enquanto fosse mantida a dinâmica da expansão e da acumulação lucrativa do capital, o “exército de reserva” do trabalho não só representava uma ameaça fundamental para o sistema, mas também era considerado um elemento

bem-vindo e necessário para sua “boa saúde”. Dessa maneira, as massas de trabalhadores desempregados temporariamente afetadas, mesmo que insatisfeitas e descontentes, poderiam ficar tranquilas, pois sob essas condições, as dificuldades teriam um tempo de duração limitado.

No entanto, para o nosso autor (2002, p. 332), “a situação muda radicalmente quando a dinâmica do deslocamento expansionista e a acumulação tranquila do capital sofrem uma interrupção importante, que traz consigo, com o passar do tempo, uma crise estrutural potencialmente devastadora”. Para isso, basta observar as duas guerras mundiais que ocorreram no século XX, quando houve o “realinhamento violento das relações de forças” entre as mais importantes potências capitalistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face ao exposto, importa ressaltar que o desemprego crônico, tido por Mézáros como um “câncer social” que atinge não somente os países do Terceiro Mundo, mas também os países de capitalismo avançado, está intimamente relacionado ao problema do agravamento da pauperização dos trabalhadores e à fome. Além desse desemprego, que atinge toda a população trabalhadora, inclusive as classes médias, o que chama mais atenção na atualidade é que uma grande maioria de trabalhadores, incluindo trabalhadores qualificados, é expulsa do processo de trabalho e juntamente com os outros vai disputar os poucos empregos disponíveis no mercado. O crescente desemprego com demissões generalizadas nos países avançados, além de provocar uma insegurança muito grande nos trabalhadores, com relação ao dia de amanhã, gera uma enorme população de trabalhadores supérfluos, causando sérios problemas sociais e econômicos. Ele interfere diretamente na vida social, desestruturando a família nuclear, reduzindo o padrão de vida do trabalhador e jogando-o nas malhas do pauperismo; enfim, ele mina a estabilidade social tão fundamental para a reprodução ampliada do capital. Na realidade, a eliminação dos postos de trabalho nos dias atuais significa cada vez

mais trabalho supérfluo, portanto, esse fenômeno é provocado pelos imperativos da expansão e acumulação lucrativa do capital.

Na atual fase do desenvolvimento histórico, estamos assistindo a um crescente desemprego em todas as esferas de atividade, até mesmo nas formas disfarçadas de trabalho flexível – escamoteando a política vigente de precarização e fragmentação da força de trabalho e uma maior exploração do trabalho em tempo parcial e a uma diminuição bastante significativa do padrão de vida de uma parcela da população trabalhadora. Com a ativação dos limites absolutos do capital e a instauração da crise estrutural do capital, o controle das contradições ou antagonismos de classe se torna cada vez mais difícil, ameaçando a ordem sociometabólica vigente. Apesar de todos os esforços, dos recursos utilizados pela intervenção do Estado e pela teoria econômica capitalista, ninguém conseguiu e nem conseguirá resolver essa contradição particular. Da mesma maneira, nem a intensificação da taxa de exploração, nem a globalização e a criação dos monopólios cada vez mais amplos, vislumbram uma saída para esse círculo vicioso.

Entretanto, para que haja uma superação desses graves problemas, melhor dizendo, para romper esse círculo vicioso do capital, a saída apontada por Mészáros reside na própria superação das condições objetivas presentes nessa sociedade, na superação histórica realizada pelos próprios homens. A saída está em “Ir Além do Capital”, um ponto de vista totalmente oposto às saídas apontadas pelos teóricos pós-modernos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. Tradução de Silvana Finzi Foá. São Paulo: Xamã, 1996.

LYND, Straughton. Our kind of marxisti: from an interview with. *Monthly Review*, v. 45, n. 11, abr.1994.

MANDEL, Ernest. *A crise do capital: os fatos e a sua interpretação marxista*. Tradução de Juarez Guimarães e João Machado Borges. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro Primeiro, Tomo 1. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 1996.

MÉSZÁROS, István. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. Tradução de Paulo César Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Editora da UNICAMP & Boitempo, 2002.